

RISCOS

O preço da sorte

BONANÇA IVENO
O IRMÃO DESSA PÁTRIA



➤ RISCOS

O PREÇO DA SORTE

POR QUE PERTENÇO EU DESTE LADO?



► Ficha técnica:

- ❖ **Autor e escritor:** Bonança Iveno, Irmão Dessa Pátria
- ❖ **Título:** Riscos - O preço da sorte
- ❖ **Género:** filme/ficção/conto
- ❖ **Análise e sugestões:** Felicidade Francisco/ Fernando Kula Amélia
- ❖ **Início:** 29/04/2021
- ❖ **Término:** 05/01/2022
- ❖ **Registro - Depósito legal:** 10279
- ❖ **Formato:** PDF
- ❖ **Número de páginas:** 40
- ❖ **Contactos:** +244 943479359/ +244 954962277
- ❖ **Whatsapp:** +244 943479359
- ❖ **Email:** bonancaivenofrancisco95@gmail.com
- ❖ **Facebook:** Bonança Iveno - O Irmão Dessa Pátria
- ❖ **Instragram:** Bonancaiveno
- ❖ **Nota:** Todos os direitos preservados pelo escritor. Com a designada nota da chamada de atenção, que proíbe a reprodução, ou a comercialização da obra em qualquer formato possível, sem o conhecimento e autorização do Escritor.
- ❖ **OBS:** se gostar do livro, saiba que estou aberto para a preciosa parceria que se precisa, para o lançamento do livro no formato físico. É só entrar em contacto comigo, nos contactos acima.

► Dedicatória

Dedico esta obra à minha querida mãe, que arriscou a sua vida em prol da proteção da vida dos seus filhos.

Te amo mãe, mesmo não te vendo, só te posso enviar essa carta para dizer que onde quer que tu estejas, não importa o mundo que te recebeu, só lhes diz que deixaste umas tantas vidas raras que sentem um honrado orgulho por ti. **Muito obrigado mãe.**

À minha mãe, **MARIA DOMINGAS PENUA.**



Sorte, ou prova dos visionários?

Era um dia de muito sol, e com um clima pouco favorável para que se labutasse nas dificuldades que a cada dia nos assolava e nos tirava o fôlego do conforto, e da dignidade da pessoa humana, ou ainda para que se encontrasse o que tinha de se comer. Essa péssima vida que afetava directamente à mim, e à todos aqueles meus comparsas que desta vida nunca sentiram o vigor de um sorriso, e o entusiasmo de um encanto.

Pois, parecendo que não, pela realidade das dificuldades que passávamos, nos tornamos simplesmente **nuns míseros mortos vivos com o espírito do valor à vida, foragido no futuro dos sonhos, resumidos em estruturas ósseas que deambulavam pelas ruas das cidades, sem a alma do orgulho existencial da vida presente no nosso orgulho corporal.**

E com os choros, e as lamentações manifestados num olhar profundamente amargo, e num respirar com soluços da carência de nutrição das alegrias e dos alentos das felicidades, sempre tentando se remediar com o esforço pouco notado por aqueles que nem sabiam que existíamos, para que das migalhas desnutridas de valor, que sobrava no prato das oportunidades das elites das sociedades, víssemos a nos alimentar para que a morte desfigurada de vergonha não risse do nosso amargo fim, nessa parte da existência que **chamam de humanidade.**

Deste, eu bem sentado à frente de um dos maiores Bancos do país por cima daquela cadeira de pedra bem dura fixada para quem do cansaço do dia, ali podia suspirar, e respirar de alívio pela possível pesada vida que carregava. Uma cadeira de pedra que mete o rabo bem dorido, parecendo que não éramos dignos de um conforto afável. Pois, de tanto sentares naqueles bancos mais duro que um betão, o teu rabo ficava que nem das mulheres asiáticas. "**achatado**"

Ainda perante o olhar atento e sedutor naquele enorme Banco, e com muita fome roncando no meu vazio estômago, a ouvir a música do 2pac "**Changes**" e a pensar na vida, do porquê ter pertencido eu deste lado. Onde tudo é duro e sem um respeito do suprimento das necessidades. E onde sempre vivemos sendo programados de forma agressiva a acreditar, e sempre vir a acreditar numa carente e vazia crença, mas nunca a realizar os desejos da nossa inocente alma.

Assim, respirei duas vezes, e baixei a cabeça, enquanto chupava aquele gelado de

múkua de vinte kwanzas que me denunciava em claro sobre a péssima vida que me foi obrigado a representar.

Muito calor escorria no meu rosto, **o símbolo** da representação de uma autêntica escravidão económica e moral, **e a manifestação** da pobreza estampada na cara de quem do império da ditadura geométrica não tinha o seu prestigiado lugar.

Onde o barulho dos carros e das motos, faziam a sonoridade das sucatas de ferro que muitos com ele se sentiam deuses, o que era característico de um povo que usava a ignorância contra as necessidades dos outros, como o escolhido modelo de vida que foi imposto para a vivência comum de todo ser que respira , e pensa que pensa, dentro dessa desnutrida sociedade dita humana.

A cultura de uma sociedade que manipulava a realidade das nossas afeições, em carências de veneração e reconhecimento, **quando o mais pequeno dos corpos da existência nunca procurou tal legado. (o piolho)**

Como também, a realidade da enchente das pessoas bem vestidas a comerem nos restaurantes, e das outras carentes pouco se importando a pedirem gimolas em tudo que era ouvido e vista. A prostituta carente de respeito e de valorização que se apertava nos becos da sombra da vergonha, para que dessa prática, viesse a ter o seu cansativo pão à mesa. Lugar este, onde os marginais da moral e da nobreza espiritual ofendiam as deusas da fauna biológica.

Do mesmo, os agentes reguladores que realizavam a extorsão nos seus sacos de pancadas da estrada, na mais cruel e nua realidade da vergonhosa carência de carácter. Como também, as crianças que nunca provaram o doce de um lar, e que muito sofriam pela falta de um amparo paternal e maternal, quando viam a solução do suprimento de suas necessidades, no engraxar os sapatos dos ilustres endinheirados, e dos famosos ignorantes com a nobreza humana. O cenário que formava o contraste do mundo que se dizia intelectual e humano. Tudo isso, assistia eu, num panorama pouco dado importância, **em primeira mão na tal dita famosa, e magnífica cidade.**

Quando a catyinga da sujeira acumulada no meu sovaco, sufocava o meu nariz, como também, os dóceis daquela senhora que sentava ao lado direito do Banco, zombavam de mim, pois, nem cinquenta kwanzas tinha para os comprar.

E estando eu entre as duas realidades, vestia aquela camisa que já perdia cor, pois, de tanto ser lavada, reclamava de sua originalidade. Mas como lhe respeitar, se eu também não tinha como o substituir, por isso, ela era a minha predilecta, não porque tinha mais

► **Irmão Dessa** Pátria-BI

opções, mas sim, porque ela era mesmo a minha única camisa na vida.

E tendo na cabeça, um chapéu que acumulava muita sujeira das muitas experiências de trabalho que já havia passado, na pedreira, na recauchutagem, na zunga dos sacos na praça, no desintupir as fossas das casas, e muitos outros trabalhos que saberás depois.

Como também, era o mesmo que tapava o meu estimado cabelo grande e desfigurado que ficava tipo de um maluco, isso porque não tinha dinheiro até para comprar uma lâmina para alterar o meu desfigurado look.

Nessa, muito era o fluxo de pessoas que acorriam para aquela gigantesca máquina de fazer e espalhar dinheiro. E eu de tanto fazer e buscar nas dificuldades o sentido da minha vida, perguntava para mim mesmo, por quê não tinha também uma parte daquele papel que não falava e nem corria, mas que resolvia os problemas de muitos que até hoje do meu lado, eu não via as formas de os solucionar.

Assim, na desmedida forma preocupante, **logo senti uma suave mão por cima do meu ombro**, aquilo parecia o refrescar de uma grande labuta, e o fim de uma péssima vida que desde cedo havia levado, mas que desde os tempos remotos do sofrimento, não conhecia a varinha mágica da sua fórmula resolvente. Pois, era a mão, não de um anjo, **mas de um demônio salvador**.

- Ei, você, você mesmo, o que fazes aqui?

De forma intimidado, tiro a única parte do auricular que ainda estava a funcionar, e com estilo, olho devagarzinho para cima, para ver quem era esse que incomodava a autoridade do meu pensamento.

Porém, depois de levantar o rosto, surgiu outro impasse, quando o rosto coberto de tanta barba e de um chapéu dos **Mwuatas**, me impossibilitava perceber a face dele, mas em cacarejos de uma intimidação formal, com um exercício da refinação da voz, em função da aparência que com ele o mesmo me sufocava, digo:

- **Sim senhor, em que lhe posso ajudar?** Paracendo que eu iria resolver o seu problema, quando afinal, lá em baixo, o meu sapato já não tinha sola, e a minha barriga roncava de tanta fome. (**quando desde o momento que tinha acordado, a barriga não tinha falado com o tal de matabicho, e com o seu irmão almoço**). Na sequência, ele continuou:

- **Você me ajudar! Em que podes me ajudar? Se nada preciso daquilo que chamam de ajuda, quando tenho o fôlego da vida da supressão das necessidades em minha posse. O dinheiro.**

Por essa declaração, eu tonto e surpreendido já estava. Mas ele na sua natureza oratória continuou:

- **Ao que eu quero de ti, é simplesmente isso... ou seja, te libertar das amarras das tuas reclamações.** Por essa declaração, mudo e com muita sede de beber água fiquei no mesmo instante, que perguntei:

- **Como sabes que eu reclamo da vida?** E ele responde:

- **Assim me diz o teu semblante físico e emocional.** Diz o senhor alto e grande que de forma elegante, agradava o meu nariz com aquele cheiroso perfume, que o meu nariz se orgulhava sentir, pois, pela primeira vez, o meu nariz sentia outro cheiro além do cheiro do chulé dos meus sapatos, que abafava por completo toda **cela** daquele lugar que eu chamava de quarto.

- **Tu tens uma conta no banco?**

Conta no banco? Que coisa! É claro que tinha sim, essa era a pergunta mais fácil para se fazer num homem que diambulava nas tentativas, e em quase tudo procurava o seu lugar.

- **Sim, sim senhor, tenho sim uma conta. Mas tipo já está empoeirada senhor, porque faz tempo que nada deposito lá, até parece que já apanhou teias de aranha e muita poeira senhor.**

- **Deixa de me chamar senhor, e ouça o que vou lhe dizer...**

Eu já dentro do banco todo atrapalhado para confirmar a deposição que disseram que fariam, fiquei todo com calafrio e congelado quando confirmei a presença daquele montante de dinheiro que toda a minha família levaria um milénio de anos para juntar sem contar com os gastos.

Pois, eram quinhentos milhões de dólares transferidos na minha conta, para fins que anteriormente eu também desconhecia, mas que deveria arriscar, pois, essa era a moeda da sorte a pagar. "**O risco**"

" Como está ser a leitura?

Estás a gostar da história? "



- Tenho conta sim meu senhor.
- Já lhe disse para não me chamar de senhor.
- Então lhe chamo de quê por favor.
- Deixa de ser muito formal, podes me chamar de barbudo.
- Kkkkkk barbudo?! Com as mãos na boca e com um jeito livre depois de rir, digo:
- Tens mbora razão, esse nome não foge a realidade da tua face.

Nesse instante, os seguranças dele ficaram surpresos com aquela declaração, pois, era difícil alguém ousar se dirigir de forma liberal ao senhor barbudo.

Mas como me foi dada a liberdade pela natureza da minha forma de me expressar, por essa, soube usar do jeito que encarava a vida. **Normalidade e dureza.**

Ele olha para ver se os seus seguranças riam dele, mas todos eles estavam bem sérios tipo Kwanhamas. Que depois disso digo:

- Nunca recebi essa tamanha proposta na minha vida, e na minha conta nunca entrou tais montantes.

Quinhentos mil dólares? Isso é uma maravilha, mas ainda assim me dizes que vai ser mais do que isso, e que eu terei uma parte do bolo só por usarem a minha conta? Acho que será um milagre, porque até dinheiro para comprar sal e vinagre nunca mais vi.

Por essa comovente declaração, ele me olha e diz:

- Não te preocupes, que isso fará parte do teu passado sofrimente meu rapaz. Que ele ao terminar, retruquei dentro de mim... " aos trinta e três anos de idade, ainda me chamam de rapaz por não ter dinheiro! Que tipo de vida dura é essa???"

Discutia desse jeito com a minha inteligência quando lhe rabava por não ter estado do lado do senhor barbudo. Que me fez lhe perguntar:

- Desculpe, queria saber se não terei problemas com a justiça cota barbudo.
- Que justiça?

- Falo da lei.

- Mas que lei?

- A lei que proíbe transacções avultadas, ou mesmo lavagens de dinheiro. Ou seja, transferências de somas de dinheiro ilícito.

Ele sorriu, e disse:

- Dinheiro ilícito! O que é lícito e o que vem a ser ilícito, o que é justo, e o que vem a ser injusto?

Eu todo animado e surpreso falo:

- Pelo que sei, coisas justas ou lícitas, são as acções que vão de acordo com a lei, e que não chegam a ferir os outros. Agora, o ilícito ou a injustiça, é quando quebramos a lei, e fazemos coisas que chegam a ferir os outros. Por essa minha declaração, ele olhou para mim com a cara de quem tem pena de um cabrito, que acaba me pegando no meu ombro direito, e se dispõe a dizer:

- Meu rapaz, essa é a mente que te foi dada, segundo o que está gravado na tua memória social, que dita o modelo do teu comportamento. Mas espera aí, falas do cumprimento da lei, Mas...

- Quem é a lei?

- A lei cota barbudo??...

- Sim! A lei...

Por essa, eu fiquei todo espantado, pois, nunca havia me perguntado quem era a lei, mas sim, o que era a lei. Mas no esforço de o surpreender, com a mão e os dedos debaixo do queixo, digo:

- A lei é um sistema que...

- Para! A porque a lei é um sistema, a lei é um sistema, abra a mente homem. A lei é poder, e poder é dinheiro.

- Quem é a lei pergunto de novo?

- A lei é...

Mas no vazio da falta de conhecimento, eu ouvia um **zum zum**, bem grande nos meus

ouvidos. Onde moscas passavam na minha mente. (vazio). Que não foi possível responder com precisão e exactidão. Mas ele de forma telegráfica me ajuda dizendo...

- Abra a mente homem, olha só você, todo desfigurado, e sem posição na vida, tudo isso porque não andas com uma parcela da lei, pois, se tivesses ela, nem estarias debaixo desse ardente sol a reclamar da vida, e nem estarias aqui com essa roupa desnutrida, e nem com esse gelado de vinte kwanzas na mão, e nem tão pouco com esse auricular que só está a tocar um dos lados, pois, se a tivesses, você viria a se regalar com a vida, e o sofrimento e as reclamações não fariam parte do teu vocabulário da intenção diária.

Quando para os que a têm, sabem que a vida se resolve com a manipulação da lei, porque sem ela, não se ganha a proeminência que tanto desejamos na vida. Quando na verdade, a lei é vontade de quem tem dinheiro e poder. Isso é que é a lei, e para já de pensar na justiça, pois, justiça é saber sobreviver, e não menosprezar a inteligência que te deram no cumprimento de regras impostas por quem detém o dinheiro e o poder. Esse outro que também veio daquele canal que todos nós conhecemos.

Isso só mostra que a cada dia da tua vida, foste educado a não ser suficientemente sábio para aplicares ao que te foi dado como oferta, para depois vires aqui dizer que isso é injusto, e que os ricos vão pro inferno. Que te pergunto:

- O que é injusto? Será as leis que os políticos criam para melhor dominarem?

Será a diferenças de vida dos crentes e dos Pastores?

Será a diferença de vida dos empresários, dos renomados artistas e os seus cabritos fã, e escravos funcionários?

Será o diferencial com a dos pobres miseráveis e acabados que vivem na escuridão da pobreza e das reclamações? É isso que chamas de injustiça, é mesmo isso que muitos pensam ser injusto?

Olha meu rapaz, abra a mente, e saiba que...

Isso não é injustiça, mas sim, justiça, pois por mim, injustiça é querer ignorar a realidade da selva social que na qual estás inserido e querer viver num mundo imaginário céu que um dos pilares do sustento do sistema te passou, a igreja.

Então meu rapaz, isso tudo que vocês chamam de injustiça, saiba que não é injustiça. Porque a única injustiça aqui, é não usar o que te foi dado para ser usado, quando tudo está à tua disposição para o fim do teu conforto, mas ainda assim dizes que não podes,

por causa da lei y, ou da norma X. Abra a mente, e começa a comprar a sorte homem.

- Mas, mas...

- Nada de mais ou menos, vai lá receber o teu Iban, e nós faremos uma transferência na tua conta, e tu terás a tua parcela desse ganho. Isso é que é ser inteligente e sábio, e não esperar juntar migalhas do emprego, quando o bolso da tua suposta economia sempre é furado com os impostos, e a carência de vida que vos foi estampada na cara do desrespeito da falta da vossa autonomia financeira.

Depois dessa carga explicação, fui movido a perguntar:

- Mas, mas senhor, só uma pergunta, se tens dinheiro, então o senhor também é a lei e consequentemente tens poder, não é? Se assim for, por que pretendes desviar esse montante de dinheiro na minha conta se tens a lei contigo?

Por essa, ele respondeu:

- Olha meu rapaz, aprenda que o jogo é feito dos dois lados, e não de um só, até porque o poder se estabelece quando os que jogam, são os mesmos que arbitram o jogo.

- Viste como? Todo espantado, só respondi já:

- Vi bem senhor, e com os dois olhos.

Nessa, eu bem voado, tímido e surpreso ao mesmo tempo fiquei, que parei pedindo um tempo para pensar, porque era um grande risco que iria correr. Porque no bairro nunca nos foi ensinado a arriscar, porque quando pequeno, no instante que tentasses arranjar a lâmpada da cozinha, só o tamanho do berro que recebias de tua mãe, você até ficava todo molhado de medo que até, a tua avó morta há cinquenta anos acabava sendo ressuscitada.

Mas ele me disse com uma voz de grande autoridade, que aquela era a única chance que a vida me dava em função às muitas reclamações que fazia quanto ao lado que eu havia calhado.

Assim, depois da formal e grotesca imposição, eu fiquei despertado, que me vi obrigado a mudar a forma que vivia, na oportunidade que me estavam a dar.

Foi quando de maneira impulsiva corri de forma desgovernado para o banco, na finalidade de receber o meu Iban, todo sujo e a transpirar tipo rio, e a cheirar a melhor catanga do mundo. Entrei assim mesmo, e fui persistente a me deixarem entrar, pois, o risco que deveria tomar, era a moeda que os homens grandes pagavam na sorte.

Porque afinal, quem reclamava da vida, eram aqueles que temiam da grande arte da conquista do risco da vivência. **E não aqueles que mostravam o peito da coragem na frente de combate, contra os riscos dessa cadeia social que nos recebeu aos prantos, quando naquele dia dos primeiros choros do sofrimento nascemos.**

Deste, cheguei de forma relâmpago e de forma sutil sem que matasse ninguém com aquele meu aroma mais suave que as pétalas do Egito. Que nesse temporal, solicitei o meu Iban, e me foi dado.

Sem contar, assim começava o grande filme que sempre desejei conhecer, isso era sobre o outro lado da moeda, a parte dos peixes grandes no mar da sobrevivência do suprimento das necessidades. **Vida luxuosa sem sofrimento, e muitas vantagens no mundo dos favores, quando se tem o resultado dessa moeda que os pobres sempre temeram agarrar.**

O lado dos que tudo podem, e mais alguma coisa. O lado que anteriormente me fazia reclamar muito quando ainda não conhecia a chave do sistema do jogo dos homens grandes do mundo. Que viajava nas seguintes perguntas:

Por quê pertença eu deste lado?

Do lado daqueles que sempre reclamam com a vida,

Do lado daqueles que nunca alcançam seus sonhos,

Do lado daqueles que sempre choram por causa da fome,

Do lado daqueles que sempre têm contas sufocantes a pagar,

Do lado daqueles que não podem parecer orgulhosos, ou vir a ter desejos de ficarem ricos, ou pensar primeiro nele, e só depois nos outros. Mas sim, fingir ser humilde, e dividir tudo que se conseguia, quando muitos daqueles que apontavam o dedo caso você pensasse mudar de vida, esqueciam que também existia aqueles que tinham milhões e bilhões de dinheiro nas suas contas, mas que nem queriam saber dos outros, e que poucos queriam aplicar esforços exactos para que se acabasse com a fome no planeta.

Do mesmo perguntava por quê pertencia eu...

Do lado daqueles onde sempre os seus sonhos eram adiados por conta de primeiro se resolver os problemas básicos da fome, da formação, e do suprimento de outras necessidades.

Do lado daqueles que sempre tinham as muitas formas e possibilidades de soluções para aqueles que governavam, que até nos levava a perguntar; como eles não notavam o óbvio, se até nós como pobres já sabíamos que a solução da fome no mundo estava numa agricultura focal, mais eficaz e abrangente para todos.

Porém, com o crescimento racional, fomos nos apercebendo que eles menos queriam saber dos outros, porque se assim o fizessem, **não seriam mais exaltados como sempre, e nem adorados como os deuses da solidariedade pelos desprezados pobres das necessidades.** Algo que eu tinha desejo de resolver, mas não podia aplicar por falta de posição e condições.

Ou ainda pertencer do lado dos que sempre sofrem, mas nunca se alegraram por terem nascido.

E com a liberdade mental, chegava a me perguntar:

Por quê não deveria pertencer eu também, do lado daqueles que mandam lixar para os problemas dos outros?

Por quê não deveria pertencer eu também, do lado daqueles que sempre têm tudo e nunca se queixam com mais nada?

Por quê não deveria pertencer eu também, do lado daqueles que nunca conheceram a fome extrema, a pobreza desnutrida, e uma vida de reclamações?

Por quê não deveria pertencer eu também, do lado daqueles que não têm que se preocupar em vender para sustentar os seus irmãos?

Por quê não deveria pertencer eu também, do lado daqueles que não têm que sacrificar seus sonhos para fazer respirar primeiro os sonhos dos seus filhos?

Por quê não deveria pertencer eu também, do lado dos que desconhecem na sua vertente original, o sabor da pobreza?

Mas porquê pertenço eu deste lado?

Do lado dos que nunca viveram como Reis e Príncipes, mas sim, que sempre viveram como mendigos, escravos e bandidos das sociedades enaltecidas e erguidas também com o seu suor?

Do lado dos que nunca notam progressão nas suas vidas, senão a imposição do aberrante salário miserável que nem serve para nos meter a refletir, mas sim, que nos mete

sempre ocupados na procurar das migalhas do outro dia em cada nosso respirar? Assim voltei a perguntar:

Por quê pertença eu deste lado?

E o vento me respondeu... (corra, mas não ande rápido, viva, mas não coma o ovo com a sua casca)

Onde para a nossa visão sobre os ricos, era tipo viver nos céus sem problemas, algo que sempre desejava, pois, até amaldiçoava o lado que de forma espontânea havia calhado. Esse lado que vais conhecer agora.

Por favor, vira a página devagar, senão ainda vais mbora me sentir pena.

Mas vamos lá saber desse meu outro lado da vida que tens de saber agora.

Vira a página **Por favor!**

Saúde

► Dicas:

- Procura tomar sempre uma xícara de chá de folhas naturais como: o kapungo pungo, de alface, vic, ou caxindi, e entre outros. Isso, todos os dias de manhã com uma colher de açúcar, preferível o castanho.

- Se tomares banho de água gelada todos os dias de manhã no instante que levatares da cama, vais notar uma grande diferença de estabilidade mental e física.

Pois, estas duas práticas, te vão ajudar a ter um vigor mental, e físico. E vir a ter, um rendimento diário no trabalho e em outras áreas da vida com uma grande qualidade e praticidade.

► Receitas

Emagrecimento ou diminuição da barriga:

- tomar chá de uma mistura de: gengibre, limão, dois dentes de alho e as famosas folhas do chá kapungo pungo.

- **memória duradoura:** tomar chá de alface sempre que desejares memorizar algo por muitos anos. Ou mesmo para se sair bem numa prova, ou no teste da faculdade.

- **resistência masculina:** se queres te sair bem na cama, tomar o suco de: gengibre, limão, cenoura e dois dentes de alho. Triturar todos eles no triturador, ou com a varinha mágica.

Para mais informações, marcar uma consultoria comigo.

É só virar

A página **lentamente**

Ou uma escravidão infantil?

Aquilo era sofrer ou quê, todos dias era um problema, se não era da falta da fuba, era da falta do sal, se não era do meu chinelo rebentado, então era a falta do açúcar para meter no chá.

Era um sofrimento que você via que afinal se vivia no próprio inferno da pobreza. **E os filhos dos ricos, nos céus do conforto da riqueza.**

Pois, cada novo dia das dificuldades, trazia o seu kibuto do plano diária para os padeiros fazedores do cumprimento da agenda diária do sofrimento. Porque se não era a falta de energia, então era a falta de água para se tomar banho. Se não era a falta de dinheiro de táxi, era a falta do matabicho, ou mesmo a falta da escova de dentes ou pepsodente (**pasta de dentes**). **E se não fosse a falta de...** então era a falta de perfume para o teu desejado aroma, e a falta de dinheiro para ser matriculado numa escola com rigor e classe.

Como também, se não era o problema de dinheiro para comprar folha de provas, então era o problema da falta de dinheiro para se comer algo na escola. Do mesmo, se não era a falta de roupa para ir com ele à uma festa ou igreja, então era a falta de condições por parte dos teus pais para a realização do teu **invisível aniversário**.

Mas como forma de cumprir o objectivo do salário do propósito da pobreza, fui viver na casa dos meus tios depois da morte da minha mãe, porque o pai, nunca o conheci.

Mano, naquela casa como disse, era uma coisa inédita, não vais acreditar no que se passava lá, espera só vou te contar já...

- Ó senhor, tira essas tuas trouxas de xixi daqui, assim já mijaste né!

É por isso que acordaste bem cedo para mostrares que não mijaste seu cão, levanta daí e vai já estender isso pá, cabrito.

Eu bem rápido corri para estender de forma camuflada o meu colchão e os meus lençóis, porque senão, os meus amigos iriam rir de mim. Pois, aquilo era dormir no corredor só para não ficar no olho da rua. Quando viver naquela casa era uma tremenda recruta.

- Assim hoje não vamos comer de novo Mauro? Por essa preocupante pergunta, o Mauro diz:

- Nós mbora já comemos, e a mãe disse que, quem não está, não aparece na foto.

- Mas como não aparece na foto, se ainda faltam trinta minutos da hora que ela estabeleceu? Assim hoje não vou comer de novo tipo ontem?

- A mãe trocou o horário, e ela disse que não queria saber se os outros sabiam ou não.

- Como assim!... se ontem ela disse que seria à essas horas?

Hoje me esforcei a sair mais cedo da mecânica para vir comer, mas ainda assim não encontro nada? Vão ver só, amanhã também não vou deixar o dinheiro do pão, vão chupar no caroço.

No dia seguinte, acordei já bem mau, onde pensei já que iria dar barra na minha tia, a mulher do meu tio. Afinal me enganei mbora. Pois na sequência dos acontecimentos pesados da vida, veio o seguinte:

- Senhor, o dinheiro do pão?

- Dinheiro do pão tia? Ontem não me deixaram comida, como é que vou dar o dinheiro do pão?

- Ó macaco, assim você está a reclamar com quem, essa casa é tua? Se quiseres, podes ir morar noutra sítio, porque aqui ninguém está a te obrigar a ficar. Depois dessa surra de palavras, fiquei tipo um pintainho molhado, que dei os trezentos do pão e fui bumar. Mas depois...

Eu já bem mau depois daquilo, pensei já em lhe queixar no meu tio, e eu a pensar que iria me safar daquela humilhação, afinal me enganei mbora. Pois, depois de ter saído da mecânica, chego em casa, e encontro o meu tio, que depois de respirar três vezes de medo, me disponho a dizer:

- Boa noite tio.

- Boa noite sim. Uma resposta cheia de arrogância.

Com esse dilúvio de agressividade, minha motivação ficou já bem tímida, que até baixei já a emoção que com ele carregava a minha queixa. Que no instante, fiquei mudo por alguns segundos, e falei:

- Ti, tio, a ti, tia, ontem não me deixou comida, e ainda me pediu dinheiro para comprar o pão para todos, quando ontem eu nem comi nada tio, afinal aqui é assim? Por essa, ele bem sentado no seu cadeirão com o comando da televisão na mão, responde:

- Olha sobrinho, a vida aqui é dura, e aqui em casa quem manda é mesmo a tua tia, então o que ela decidir, é o que você tem de fazer. Ou ela ainda não te disse que aqui em casa quem parte ou estraga algo tem de substituir?

Entre a ponte dos três segundos da fala dele, eu viagei na reclamação da situação, que no meu coração rabugento perguntava para mim mesmo de forma surpreendente: **Como? O quê?! Não entendi bem, podes repetir?**

E ele na sequência da sua argumentação, responde:

- Olha rapaz, aqui em casa quem parte a vassoura, tem de comprar outra, quem vier a queimar uma tomada ou uma ficha, tem de comprar outra para repôr. E quem estragar o comando da televisão, tem de comprar outro, porque aqui a única coisa de graça é mesmo só a comida que não tens como pagar meu rapaz. É só mesmo a comida garoto.

Pois, um dia todos vocês irão embora. Então eu estou a investir no que é meu, mas você, meus filhos e possivelmente a minha mulher, um dia vão embora, então não me podem deixar com o prejuízo dos vossos estragos.

Eu bem admirado fiquei, porque nunca tinha visto aquilo, que fiquei todo congelado porque a partir daquele dia, eu vi que afinal, a vida é mesmo dura, e não fácil como têm nos ditos os bonecos.

Que por essa, não vais acreditar que até os filhos dele pagavam por qualquer coisa que estragassem, **pois, se até os filhos dele pagavam, então quem era eu para não fazer o mesmo?** Quando na verdade todos nós afinal éramos mbora inclinados do meu tio, mesmo sendo filhos e sobrinhos.

Mano, depois daquele dia, cada acção minha, era com muito cuidado. Mas mesmo que tentasse me controlar, um dia a lâmpada mbora fundiu, e eu era o único que estava em casa,

► **Irmão Dessa** Pátria-BI



por esse factor, eu tinha de comprar outra. Então as coisas não eram como na casa dos outros, onde os filhos partem, e os pais compram de volta e substituem.

Nessa, me lembro de uma situação, onde nem sei quem tinha me mandado jogar playstation, quando nessa situação, houve um grande circuito no meu quarto, que queimou toda instalação de casa, que de imediato, tive que contactar um electricista com o meu próprio dinheiro de uma economia de quase dois anos que estava a fazer para a minha formação. **Porque depois da morte da minha mãe, ninguém me queria ver formado. Tudo porque temiam que eu viesse a ser maior que os filhos deles.**

Então não me vens dizer que você sofreu, porque eu aprendi, senti na pele, e conheci a face do sofrimento. Ou ainda estás com dúvidas? Então espera que te vou contar o outro nível do sofrimento dessa história.

Vira a à página. Porque esse kibuto de sofrimento, **até a pobreza dela tem vergonha.**

" Vais conseguir, nada caí dos céus
Vais conseguir, luta daqui, e dali, mas não desista"
OS Lendários SSP (grupo de Rapper angolano)

A vida nessa versão era muito estranha

Sofrer também já não é assim!...

Depois de tantas humilhações por parte dos meus primeiros tios, só porque tinham um pouco de dinheiro, e uma casa um pouco organizada, não deixei que essas básicas condições me mantivessem prezo para a continuidade do desrespeito contínuo sobre o valor do ser digno que eu era, **mas que ainda não sabia.**

Assim, resolvi sair de lá, e ir morar na casa do outro meu tio. Que possivelmente seria diferente. Mas esse vivia mbora no **Cantintom, naquela zona suburbana do Golfe 2 em Luanda, (Angola)**. Onde a acumulação do lixo, era o cartão postal do bairro, e a falta de energia constante, a sua realidade natural, e onde as doenças e a fome extrema eram os seus amigos predilectos.

Ao que me senti obrigado a ir morar lá, tudo porque não queria mais viver onde se o ar condicionado estragasse e você fosse o causador, tinhas de pagar, e onde se partisses qualquer coisa em descuido, você tinha de restituir, algo que nunca tinha visto na minha vida tal forma de vida.

Pois, até ficha de ligar os aparelhos eletrônicos se você queimasse, tinhas de comprar uma outra, isso porque o meu tio, dizia que não podia ser ele a gastar e a gastar quando ele dava no duro para trabalhar e comprar as coisas todas de casa.

Então não era falta de amor, mas sim, nos ensinava a saber cuidar das coisas, ou deveríamos restituir o que viesse a ser estragado. **Mas acho que a forma dele, era a mais estranha que tinha conhecido.**

Nesse sufoco, parti já bem animado para ir viver com o outro meu tio, aquele que era o mais pobre que a própria mosca, porém, liberal e sofredor como eu.

Este, o nome dele era **Ti Manel**, e eu que pensava que havia me safado, afinal mbora era um grande embrulho da vida, **pois, aquilo já não era simplesmente pobreza, mas sim, aquilo era uma coisa estranha de se definir, porque nem era pobreza, e nem era carência, aquilo era mesmo a luta pela sobrevivência**, porque até coisas que não pensavas, naquela casa acontecia.

Onde os mosquitos eram teus irmãos por direito, que nem lençol tínhamos para nos

➤ **Irmão Dessa** Pátria-BI



cobrir e nos defender deles. Que eu na primeira noite que fui recebido, admirei como os meus primos dormiam bem avontades naquele quarto apertado, bem escuro, com muito calor e com os mosquitos a fazerem a festa diária do banquete servido todas as noites para que eles comessem com a liberdade em demasia sem o restrito impedimento. Quando, nem se cobriam dessa terrível guerra noturna, tudo porque até dinheiro para se comprar dragão, ou mesmo outros repelentes, eles não tinham.

Que naquela primeira noite, tive uma grande luta com todos os mosquitos de casa, pois, eu era o único revolucionário de casa, que fazia a manifestação contra a ditadura da governação deles. **Mas para eles, os donos de casa, aquilo era tipo dormir nos céus, bem avontades como se o país não tivesse guerra.**

Porque enquanto eu perdia noite ao me preocupar em lhes matar, eles dormiam tipo estavam no quarto do ex-Presidente Obama. Onde para eles, tudo era suave e meigo, quando eu não acreditava no que via.

Que por essa, cheguei a entender que era mesmo a realidade deles, e isso eu não deveria combater, simplesmente aceitar, ou encontrar meios de não ser afectado até na minha medula espinhal o estilo de vida que eles não tinham como o recusar.

[Assim estás a pensar que acabou, espera que te conto o que aconteceu a seguir, vira a página meu irmão. **Isso ainda vai pipocar...**]

Alguns dias depois

Eu pensando que aquele era o único problema, afinal havia me enganado. Porque no outro dia, me deparei com o outro karma daquela casa. Nessa, abro a porta do quarto de banho, encontro a sanita **bem cheia de cocó**, daqueles bem grande que dá raiva de bater a pessoa que cagou lá.

- **Mas quem defecou aqui e não meteu água?** Assim gritava eu todo irritado como se fosse o dono da casa, mas com a mão a tapar o nariz.

Zummm! Zummm! Um silêncio total tipo não tinha ninguém naquela sala. Mas ainda assim, voltei a perguntar de forma educada, com uma leveza na tonalidade da minha voz, tudo suave:

- **Quem foi que defecou no quarto de banho e não meteu água família?**

Eu tentando ser formal numa casa onde desconheciam esse tratamento. Que de repente a pessoa que estava com o comando da televisão na mão, rebenta:

- **Estás a fazer só bué de barulho, aqui ninguém vai te falar quem cagou aí, então se também queres cagar, procura água pra meter lá, ou vai só na mata.**

De repente um apagão na minha mente. **Pummm!** E eu me vi a falar comigo mesmo:

" **ir na mata, eu que estou bem apertado?** "

Eu dizia isso no momento em que todo mundo fazia o que bem sabia fazer, assistir o canal **Bekuduro**. (**Em homenagem ao Estado maior do Kuduro - Nagrelha Dos Lambas**)

E eu preocupado com a minha ameaçadora situação, tento resolver ali mesmo, mas não tinha solução, tudo porque em casa não tinha nem sequer um pingo de água, a não ser, ir à essa dita mata. Por conseguinte perguntei:

- **Onde fica então a mata?**

Nessa, enquanto meu cérebro pedia para que a barriga tivesse calma, o mais pequeno de casa respondeu:

- **Fica ali na baxeira, mas não deixa te verem nos guardas.**

- **Cala a boca e vai só lhe acompanhar pá!** Determina o mais velho. Eu pensando que deveria se cumprir a ordem, de repente:

- Cala a boca você, e num vai você porquê, ali que cheira bué de cocó, é que vou ir lá, num quero!

- Vai pá, seu cão, senão vou te bater...

- Vais me bater, vou te aleijar vais ver só.

Diante dessa guerra da troca de palavras entre os dois, onde o pequeno e remitante Davi, enfrentava o Gigante Golias, o mano mais velho de casa. Sem ninguém esperar, se ouviu umas duas bofas da nuca do rapaz que refilava com o mais crescido que pegava o comando. Quando ele saiu todo trombudo e raivoso de lá, que nem queria mais saber de mim, para ir aleijar com pedras, aquele que o deu as duas bofas da nuca.

Então eu me vendo nesse todo embrulho, tinha de resolver a minha situação. Assim, sem demora, fui procurar essa dita mata, e saciar a minha necessidade. Que no decurso dessa viagem, me deparo com um menino bem sujo que vestia um calção rasgado, bem no meio do rabo, que me leva a lhe perguntar:

- Cassule, cassule, não sabes onde fica o quintalão que tem lá uma mata? Depois de mim, ele responde:

- Mô cota, é mesmo nessa curva, mais não deixa os guardas te verem. Por essa grande pilha do bairro, eu agradeço de forma apressada:

- Valeu meu cassule! Valeu!... Quando na sua simplicidade infantil do estilo do bairro, ele diz:

- Sim mô cota!

E eu bem apertado com aquela diarreia me batendo na porta do rabo, tão logo vi o quintalão, corri bem rápido e saltei tipo nos filmes. E logo que pousei, baixei a calça e a diarreia saiu bem rápido sem o meu apressado consentimento, pois, nem ao menos me perguntou se podia ou não sair. **Que falta de respeito desse cocó.**

Mas aliviado estava desse fardo, e enquanto resolvia esse problema, o outro vinha bem perto de mim.

- Wei, wei, aqui tá a cheirar mal, nu tás a sentir?! Assim reclama o comparsa que estava de chapéu vermelho do outro lado dos arbustos da mata. Quando o outro responde:

- Asssim deve ser um dos ndêngues que veio cagar wi. Por essa, o que tinha iniciado a conversa diz:

- vamos ainda ver wei.

Nessa, eu todo inocente, e todo feliz a assobiar atoa tipo havia comido arroz com feijão. E a preparar o capim para me limpar com ele no rabo, depois de acabar de cagar, olho de lado para ver quem havia me batido no ombro.

- Possas ciente, você está a estragar a nossa praia, qual é a ideia, assim mesmo essa hora é mesmo hora de vir fazer o pinga pinga?

Eu todo inocente, só assustei que já estava fora do quintal a correr atoa tipo gatuno, tudo porque o outro já tinha tirado um facão bem grande para me aleijar.

Chegando em casa, pensei já que aquele problema das fezes na pia, já tinha sido resolvido. Mas afinal nada.

Eu a entrar já para mijar, vejo de novo as fezes lá na pia com muitas moscas por cima dela, que não aguentei e fechei a porta bem rápido. Mas ainda assim, mesmo com aquela resposta bem dura que tinham me dado, fui perguntar de novo por que não tinham metido água na pia.

- Ó Paizinho, não meteram água no quarto de banho até agora porquê?

Silêncio total!. Zummm! Zummm! Zummm!...

- Paizinho, Paizinho. Ele me olha e diz:

- Não te falaram que não tem água?

- Mas se não tem água, como é que defecaram lá? Por essa minha imposição autoritária parecendo que era o pai de casa, ele me diz todo irritado:

- Mas você faz bué de pergunta porquê? Ficas tipo tens bué de probelma na vida. Se queres meter lá água, vai comprar na tia Fina e mete, estás a fazer só bué de barulho, não me complica a cabeça yá!

Eu olhei naquilo, e vi que afinal eu não sofria. Porque a cada dia, tinha o seu problema. Pois, no dia seguinte, descobri algo que me fez crer que afinal ali era uma verdadeira selva da sobrevivência, e não um lar como dizem os livros.

A minha prima, a mais crescida, a que tinha vinte e cinco anos, chegava de suas labutas, e ela era a que por vezes alimentava a casa, e era um pouquinho preocupada com as coisas de casa, por isso eu tentava me ligar à ela.

E quando ela chegou, encontrou aquele bolo na sanita, ralhou com todos, e mandou comprar dois bidões de água, que por essa iniciativa, se pediu água suja da casa da tia Fina e se meteu na pia.

Então aquele problema estava resolvido depois das fezes terem ficado 24h na pia, pois, ela não tinha passado a noite em casa, porque tinha ido trabalhar, aquele tipo de trabalho que você já pode imaginar, mas que eu também ainda não sabia.

Mas o problema daquele dia ainda não estava visível, porém, ficou claro quando durante o almoço, eu descobri que afinal o meu tio escondia comida no quarto dele para comer sozinho numas horas do silêncio total, **as madrugadas**.

Porque quando no momento estavam a servir a comida para aquele todo batalhão, se notificou um prato em falta, quando a Dida saiu só para perguntar rápido quanto custava os biquínis na tia que passava na zunga, quando já havia deixado os pratos todos servidos.

Nessa, quando ela volta e começa a distribuir os pratos, se notifica a ausência de um prato, esse que não apareceu, porque o pai de casa guardava no seu quarto, e no mesmo tinha cadeado. Tendo uma privacidade total para que depois de sentir fome, viesse a comer mais tarde, isso depois da introdução com o seu primeiro prato. Pois afinal, ele também era contado na lista dos filhos, uma vez que não trabalhava, e nem mostrava interesse do respeito como o líder da casa.

Essa realidade se descobriu quando a minha prima um dia desses entra no quarto dele, e encontra muitas coisas lá.

- Mas pai, esse desorante é meu, por que está no teu quarto?

- Ó, afinal é teu? Eu pensei mbora que já não querias mais. Encontrei mbora no corredor da sala Maura.

- Mas pai, no corredor é para você perguntar o dono, e não pegar e usar.

Outro sinal também, se notou quando num dia desses, às 2h da madrugada, o mais velho foi ouvido a mastigar os ossos do frango quando afinal no jantar havia tirado uns pedaços à mais da frigideira enquanto se fritava, acompanhando assim com o molho de cassakaia (**sal, água e vinagre**) e o funge que bateu naquelas mesmas horas.

Já no dia seguinte

Sim, já no dia seguinte, a conversa ganhou vida, quando o meu primo, aquele que era um pouco concentrado de casa, deu o primeiro arranque na fofoca do dia.

- Espera aí mana, ontem de noite cozinhaste funge?

- Funge? Como assim, se comemos arroz com frango Pedrito.

- Sim mana, ontem quando fui mijar, ouvi uma pessoa a bater funge, pensei que era você. E nessa conversa, o mais pequeno que naquela noite dormia na sala, disse:

- Foi o pai mana, foi ele mesmo, sabe porquê mana?

- Sim Avôzinho, pode falar.

- Sim mana, porque ele me deu lá uma metade do osso, e disse para não falar à ninguém. E a irmã toda irritada, mas sorrindo com o irmão que estava na conversa, comenta:

- Mas o pai é assim porquê, e ele encontrou onde esse frango? E o meu primo lhe recorda.

- Mana, ontem não disseste que estava a faltar duas metades de frango?

- Sim, é verdade, agora me lembro. Porque na hora que a novela acabou, todos fomos lá fora, mas depois o pai entrou, foi quando as duas metades desapareceram. E os dois abanaram a cabeça sorrindo, quando ele saía do quarto de banho todo pausado com a minha toalha do banho amarrado na cintura, como se fosse dele. Já viste!?

Outro sim também, aconteceu quando lhe viram a se escovar com a escova de um dos meninos, pois afinal, ele não tinha escova e se escovava com qualquer escova que encontrasse no quarto de banho, e logo que era apanhado, ele tirava outra, e ficava já dele.

- Mas pai, essa escova tipo é minha. Estou a procurar ela já vão três dias. Até meus dentes estão amarelos por causa disso.

Ele todo atrapalhado, e com a espuma de sabão na boca, porque já fazia meses que não se tinha pasta de dentes.

Assim, quando não se tinha **pepsodente** em casa, ele mbora se escovava com sabão. Nessa atrapalhação, ele paralisado fica, que responde com a mesma espuma na boca o seguinte:

- Óh! Afinal é tua escova?! Eu encontrei mbora no chão, e o cão estava a brincar com ele, e tava a lhe rebolar na areia. Assim, quando vi, dei bico no cão, apanhei, lhe sacudi, lhe lavei, e usei, mas não sabia mbora que era tua mano Paizinho.

Outras situações eram sobre a comida alheia que ele comia, quando uma vizinha pedisse para conservar na nossa arca, pois, para ele, o que ele encontrava na arca de casa, também era dele, porque estava na arca dele, que acabava tirando para consumir.

Onde, mesmo se a gasosa fosse tua, e você se atrasasse a beber, por essa, ele até batia palmas, pois ele se adiantava a tirar como se fosse dele, onde bebia de forma relaxada e com muito gosto como se fosse ele quem havia comprado, e onde acabava rotando bem à tua frente.

Tudo porque dizia que nada podia ficar muito tempo num lugar, **pois para ele, isso mostrava que o dono não queria mais a coisa**, mesmo as comidas das vizinhas que vinham meter na nossa arca. **Que engraçado e vergonhoso!**

E outras situações eram sobre o dinheiro que ele roubava novamente. Ou seja, o mesmo dinheiro que ele deu para se comprar a comida, era o mesmo dinheiro que ele afinal roubava de novo, nos dando a entender que ele se interessava com as necessidades de casa, dando o arriscado dinheiro que nem sabíamos onde ele tirava, onde por causa do nosso descuido, era o motivo que nos fazia não comer no dia.

Pois, se ele chegasse a dar 100kz para o pão, e se você deixasse por cima da mesa, e fosses fazer outra coisa, acredita que já não voltarias a encontrar no mesmo lugar que tinhas deixado, mas ainda assim ele cobrava o pão ou mesmo o jantar caso desse dinheiro para tal fim, tudo porque o importante é que todo mundo viu que ele deu, agora se alguém tirou, ele menos tinha a culpa, porque para ele, na mesma tinha de comer, ainda que foi ele mesmo quem havia tirado nas escondidas. **Esse meu tio, era muito engraçado yá!**

E outras situações eram sobre a comida que ele escondia debaixo da cama, das fubas que guardava para fazer papa ou areia doce quando ninguém estivesse. E das roupas dos outros que tirava do fio para ir se exibir com ele a frente dos seus kambas carentes como ele.

Onde inclusive, houve uma situação que me fechou. Pois, um desses dias, quando eu voltava dos meus trabalhos de intermediário das galinhas na praça, lhe encontrei entre os amigos dele, com os meus ténis da Nick mais queridos por mim. Que não deu para lhe falar porque estava com os seus kambas.

Mas quando dei à conhecer na minha prima do sucedido, ele disse à ela, que pensou que eu já não queria mais os ténis, porque estava a demorar bué no muro quando eu no dia anterior tinha posto para secar. **Até nem sei que tipo de demora era essa que somente ele via.**

Mas no decorrer dos dias, depois de ter testemunhado aquela situação do cocó na pia, parece que o destino da pobreza veio a me mostrar que nem sempre buscamos remediar no que está ao nosso alcance. **Pois, algumas maldições da pobreza te levam a fazer coisas que nunca imaginaste fazer.**

Quando numa noite dessas, a necessidade do meu organismo em expulsar aquela confusão da barriga chamada cocó, me acordou no meio da noite com muita dor e uma rápida necessidade para cagar, quando era aquela bem famosa diarreia que não gosta de esperar.

Assim, levantei, saltei os muitos que dormiam no chão duro por cima do loando, abri devagarzinho a porta do quarto, e corria para o quarto de banho.

Mano, afinal mbora a porta da sala estava fechada com um ferro bem pesado que somente quatro pessoas podiam levantar para que fosse aberta, quando o quarto de banho ficava no quintal.

Por esse impasse, como era o único acordado da noite, e como não podia acordar ninguém, nessa partida, tive uma ideia genial, que por causa da pressa da necessidade, caguei mbora atrás do cadeirão cansado que pedia substituição há décadas, e me limpei com a cortina da sala bem rápido e fui dormir.

Já no dia seguinte, todo mundo acordou, mas algo não estava certo, quando toda casa cheirava mal, e todos cuspiam de tanto mal cheiro.

Nessa, a pessoa que deveria arrumar naquele dia, encontrou as fezes atrás do cadeirão, e todos foram convocados, e como costume do bairro, todos foram perguntados, mas como todos, a minha boca também não disse o rabo que havia cagado ali, do mesmo, eu também, como os outros, daquela vez não sabia mbora de nada sobre aquele vergonhoso acontecimento.

Então todas as crianças apanharam, porque afinal de contas, nenhum mais velho supostamente faria aquilo. Mas depois, aquele meu primo que era o mais ausente de casa, que sempre ia às festas, disse:

- Mas pai, estão só a bater o Minguito atoa, esse cocó bem rijo não é de criança, mas

► **Irmão Dessa** Pátria-BI



sim, de um mais velho. Aperta só esses três gajos. E nessa declaração, o meu coração bateu bem forte, como quando te apanham a roubar.

Mas nesse caso, eu como era visita, ninguém desconfiava que tinha sido eu a fazer aquilo, quando uma semana antes, havia ficado todo irritado por terem cagado e não terem posto água na pia.

Mas este meu segredinho, afinal uma das pessoas sabia, quem?...

- Você, é claro...



Mano, naquela casa não era para se viver, mas sim, era para se lambar o cheiro da vida nas montanhas das dificuldades que a cada dia tínhamos de resolver. Porque tudo era um problema, onde inclusive, até para assistir, era luta, pois, venciam quem fosse mais rabugento, ou tivesse mais força que os outros. Porque senão, não teria chance.

Um sofrimento bem grudado nas raízes do nosso conformismo. Quando nessa realidade, podíamos ficar muitas horas sem comer, para vir comer de noite pão com óleo, ou esperar a nossa prima que foi fazer aquele trabalho que já sabes, vir cozinhar do bom funge com kabuenha e rama que tirávamos da nossa horta que ficava atrás do quintal.

Isso porque, como disse, o meu tio, afinal também constava na lista das crianças de casa, uma vez que não trabalhava e não procurava crescer na vida. Tudo porque no último emprego dele como segurança, foi expulso, porque afinal roubava mbora as comidas da loja para comer, e trocar com bebida.

Então aquilo era uma tremenda aberração de vida, porque se eu não conseguisse, ou mesmo a minha prima, saiba que os putos de casa não comiam, mesmo quando tinham outros adultos de 19, 27, e de 29 anos em casa que não faziam nada, senão assistir o canal Blast ou assistir o canal Bekuduro da Zap.

Onde para eles, tudo era normal, pois a vida para eles era muito boa, uma vez que até para o sal, dependiam da minha prima todos eles. Por isso mesmo tinha de Sabalar dali. (fugir). Porque ao que eu queria, não estava ali. **Mas num lugar incerto do grande risco que tinha de correr.**

Foi quando aluguei um quarto que estava à cinco mil kwanzas, mas cheguei a conseguir baixar para dois mil e quinhentos. Um quarto com uma casa de banho. Só mesmo isso. E a minha labuta na outra fase da minha vida havia começado ali.

Agora vais conhecer os outros 500 da minha vida. **Que vai te encantar, e vai te motivar a te levatares dessa cadeira do comodismo mental.**

Deste modo, para tal anseio, compra a outra parte da história wé, assim estavas a pensar que te daria tudo? Nada disso, compra a outra parte irmão, para veres o desenrolar dessa magnífica história.

❖ **Riscos** - o Preço da Sorte

➤ **Irmão Dessa** Pátria-BI



Relacionamentos

► Dicas:

- Quando tiveres que conquistar alguém, se certifica que não és um necessitado emocional do amparo de uma mãe, ou de um pai.
- Procura levar ela para conhecer o mundo, afinal de contas quando casaste com ela, já a tinhas salvo daquela prisão cultural.
- Amar ele, não te faz proprietária até dos seus pensamentos.

► Receitas:

Para conquistar ela, tu tens de:

- meter ela como prioridade, e não como o centro.
- mostrar que ela trouxe mudanças na tua vida, anima a autoestima dela, e revigora as suas expectativas contigo.
- Dar um bom dia com o " eu te amo " logo pela manhã, te dá vantagens de ela pensar todo dia em ti.

Para mais orientações, é necessário marcar uma consultoria comigo, de até, cinco sessões sobre as formas como lidar, e ser um companheiro e uma companheira que...

Continua....

► Citações

As vezes a vida se mascara de **criança** para nos mostrar um velho **sábio**.

Mas há vezes que ela se apresenta como prostituta para nos ensinar a respeitar uma mulher.

Mas também, tem vezes que ela se apresenta como **maluco**, para nos ensinar as maiores lições de **humanismo**.

Então não procura ser o dono dela, mas sim, um irmão. Quando ela também nunca te pertenceu, mas sim, um empréstimo no banco da morte você um dia fez sem saber... (**um dia vais pagar esse invisível imposto**)



OBS: se gostou do livro, saiba que estou aberto para a preciosa parceria que se precisa, para o lançamento do livro no formato físico. É só deixar uma mensagem para mim, nos contactos acima.

E se Haver uma sugestão, ou mesmo um contributo sobre o livro, é só entreres em contacto pelo Whatsapp abaixo:

+244 943479359 

➤ Escritor: Bonança **Iveno-
Irmão Dessa Pátria.**

Término: 05/01/2022

➤ **Irmão Dessa Pátria-BI**